

Entretanto, para que os jovens não se esquecessem da necessidade de serviço e estudo, mandou que muitas flores tivessem espinhos; que a tempestade retivesse permissão para lavar, de vez em quando, os horizontes azuis; que as águas nem sempre se mantivessem tranquilas. E para que os filhos nunca perdessem de vista o caminho de retorno ao seu augusto amor, deu-lhes a luz dos olhos e do raciocínio como inseparável companheira de realização.

Foi então criada a enorme escola, sob as vistas do grande rei, com a cooperação ativa de inúmeros servidores. Organizadas, porém, as bases da volumosa edificação, era necessário instalar os pormenores do trabalho, de acordo com as necessidades dos aprendizes.

— // —



V

## No intervalo

**H**ESSE ponto da história, o narrador começou a tossir.

Cipião parecia tão cansado!... Os meninos sabiam que ele fazia longas peregrinações. O velhinho, porém, era forte e, embora os achaques da idade, nunca perdia o sorriso bom.

Observando que a interrupção se tornava mais longa. Ninita, uma das meninas maiores do grupo, aproximou-se dele e perguntou, carinhosa:

— O senhor tem fome, vovô?

— Não, minha filha — disse o velho, confortado.

— Tem sede?

— Também não.

Os meninos, contudo, não mostravam maneiras tão distintas.

Um deles ergueu a voz e indagou, menos respeitoso:

— E essa escola existiu de fato?  
— Como não? — volveu o narrador,  
benevolente — e ainda existe.

Diante da afirmação do velhinho,  
o interlocutor interrogou, deslumbrado:

— Poderemos vê-la?  
— Perfeitamente — respondeu Cipião, sem titubear.

A criançada ia entrar em ruidosos comentários. Acendera-se forte curiosidade em todos os rostos. As perguntas choveram de todos os lados, mas Cipião, sorridente, observou:

— Deixem-me continuar.

Calaram-se as crianças, de súbito,  
e, de novo, reinou o silêncio.

— /// —



VI

## Providências do Rei

ENTÃO, o bondoso Cipião pigarreou mais uma vez e prosseguiu:  
— Depois de organizados os mares e florestas, o Grande Senhor passou a tratar de vários departamentos da escola. A situação dos principezinhos preocupava-lhe o amor paternal e, valendo-se dos conselheiros e trabalhadores de seu reino, procurou garantir-lhes a saúde e a alegria, o trabalho e o estudo. Construída a escola, em pleno céu, mandou o soberano que, ao lado dos mares enormes e das matas imensas, fossem colocadas montanhas e vales, longas planícies e picos prodigiosos, repletos de riqueza e verdura.

Para que não faltasse claridade viva ao educandário, ordenou o rei que toda a construção se efetuasse sob vigoroso foco de luz criadora, cujos raios